



ZINE "MUITAS DÉCADAS E POUCOS AVANÇOS": PROBLEMATIZANDO O LIVRO DIDÁTICO DE ARTE

Camila Ferreira de Oliveira ¹
Vinícius Stein ²

RESUMO

Apresenta os resultados de uma pesquisa com o objetivo de identificar quais artistas são expostos em livros didáticos para o Ensino Médio. Metodologicamente está amparada em pressupostos da Pesquisa Educacional Baseada nas Artes e da A/r/tografia. A análise dos livros “Percurso da Arte” e “#Novo Ensino Médio” indicou que as produções artísticas apresentadas nas publicações são majoritariamente criadas por homens brancos (americanos e europeus), nas áreas de Artes Visuais e Música. A desigual distribuição e representatividade entre artistas subsidiou a criação do zine “Muitas décadas e poucos avanços”. Conclui que a criação e divulgação do zine entre estudantes do Ensino Médio, como material suplementar ao livro, pode contribuir para dar visibilidade as desigualdades (em relação às nacionalidades, identidades de gênero, etnias e modalidades de criação artísticas) constatadas durante a pesquisa, e incentivar os estudantes a criarem seus próprios zines.

Palavras-chave: Ensino médio, arte, educação, zine.

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos o zine intitulada “Muitas décadas e poucos avanços”, disponível em < <https://issuu.com/artista.zine/docs/zine-> >. Os zines são uma forma de publicação independente realizada por artistas. Geralmente, tratam sobre temáticas de resistência, como o zine do coletivo Girl Gang, no qual vinte e quatro mulheres artistas publicam desenhos e quadrinhos em apoio ao feminismo, e o zine Riot Grrrl, em que o coletivo se manifesta na luta contra feminilidades tradicionais, motivando garotas e mulheres a lutar contra a dominação masculina e criar sua própria arte (CAMARGO, 2011; COLETIVO, 2015).

A composição foi criada a partir de uma pesquisa realizada no pelo núcleo de Arte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid ³), que faz parte do subprojeto interdisciplinar das áreas de Arte, História e Sociologia, vinculado ao projeto institucional da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O Pibid integra a “Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, visando intensificar a formação prática nos cursos

¹ Graduanda do Curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá - PR, ra113838@uem.br;

² Professor orientador: Doutor em Educação. Professor no curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá - PR, vstein@uem.br.

³ O Pibid é realizado com apoio financeiro recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

de licenciatura e promover a integração entre a educação básica e a educação superior” (BRASIL, 2019). Por meio de bolsas de iniciação à docência⁴, possibilita aos estudantes que estão na primeira metade dos cursos de licenciatura, a inserção em escolas públicas de Educação Básica, com o propósito de contribuir para o aprimoramento da formação de docentes em nível superior (BRASIL, 2019).

A pandemia de Covid-19, cujos impactos foram agravados devido à má gestão realizada pelo governo federal brasileiro (BBC, 2021), impediu o desenvolvimento de ações em campo, isto é, no espaço escolar. Diante disso, as atividades de formação docente foram conduzidas e realizadas de modo remoto. Dedicamos os primeiros meses do subprojeto para pesquisas e estudos interdisciplinares⁵ e, além disso, cada núcleo realizou ações orientadas para suas especificidades. Entre os integrantes do núcleo de Arte⁶, tratamos sobre o objeto de estudo dessa área de conhecimento na educação escolar, especialmente no Ensino Médio.

Realizamos uma pesquisa com o objetivo de identificar quais artistas são expostos em livros didáticos para o Ensino Médio. Conforme detalhamos a seguir, analisamos os livros “Percurso da arte” (MEIRA, SOTER e PRESTO, 2016) e “#Novo Ensino Médio” (MUNIZ, ROCHA e CHIRSTÓFARO, 2020), aprovados em diferentes ciclos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A investigação foi amparada metodologicamente em princípios da Pesquisa Educacional Baseada nas Artes - PEBA (DIAS, 2013; IRWIN, 2013) e da A/r/tografia⁷ (BORRE, 2020; DIAS, 2013; HERNÁNDEZ, 2013; IRWIN, 2013) e, conceitualmente, em projetos artísticos que problematizam, a partir de levantamento de dados quantitativos, os discursos oficiais de legitimação da história da Arte oferecidas em livros e em

⁴ Registramos que apesar de o Pibid contribuir significativamente para a formação de professores desde seu lançamento em 2007 (cf. GATTI, ANDRE, GIMENES e FERRAGUT, 2014), ao longo dos anos, o programa tem sido alvo de disputas políticas e tem tido sua execução afetada por ameaças de extinção e cortes orçamentários (CASTILHOS e KNOBLAUCH, 2019), com expressiva redução no número de bolsas a partir de 2018 (BRUNS e RAUSCH, 2021).

⁵ Parte das ações realizadas nesse período são descritas no texto *Aproximações entre arte-educação e o ensino de Sociologia: exercícios de Image Watching*, de Zuleika de Paula Bueno, Vinícius Stein, José Henrique Rollo Gonçalves e Danilo Cesar Macri Lazare (2021), apresentado no 7º Encontro nacional sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica - ENESEB, promovido pela Universidade Federal do Pará - UFPA.

⁶ O núcleo de Arte é composto pelo coordenador de área (Vinícius Stein), pela professora supervisora (Beatris Ribeiro Rocha, de outubro a fevereiro de 2021; e Rose Mari Ramos, a partir de março de 2021) e por estudantes dos cursos de graduação em Artes Cênicas e Artes Visuais da UEM (Brenda Monique Romanoski Ferreira, Camila Ferreira de Oliveira, Carol Eduarda Schavaren de Lima, Carolina Von Der Osten Mocelin, Daniel Macedo Lanes, Gabrielle Faria de Souza, Heron Gabriel Alvares, Julia Harume Fujii, Letícia Garbuggio Armelin, Marjorie Donizeti Assano e Méryly Nunes Monteiro da Silva).

⁷ Conforme Dias (2013, p.25) “A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (Pesquisador), Teacher (Professor) e graph (grafia): escrita/representação. Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem”. Assim, ao elegermos a a/r/tografia como orientação metodológica, pretendemos que os participantes do Pibid vinculados ao núcleo Arte vivenciem três formas de ser próprias às práticas a/r/tográficas (ser artista, ser pesquisador e ser professor).

exposições, tais como: “História da arte”, de Bruno Moreschi e equipe ; “About: The Blank Pages” de EvaMarie Lindahl e Ditte Ejlerskov Viken; e o coletivo Guerrilla Girls.

A PESQUISA EM LIVROS DIDÁTICOS

Quais são os artistas mencionados nos livros didáticos de arte? Há igualdade de gênero entre as referências apresentadas? Artes visuais, dança, música e teatro são tratadas de modo equivalente nos livros? Quem define quais artistas e exemplos de criações artísticas são expostos? As manifestações de arte afro-brasileira e indígena são, de fato, estudadas? Essas questões, ainda que bastante abrangentes, nos motivaram a analisar livros didáticos de Arte entregues aos estudantes do ensino médio pelo PNLD. Selecionamos o livro “Percurso da Arte” (MEIRA, SOTER e PRESTO, 2016), da Editora Scipione, pois consistia no material didático disponível aos estudantes do ensino médio na escola vinculada ao Pibid. O livro, de 376 páginas, foi distribuído pelo PNLD no ano de 2018 (BRASIL, 2017) e seu uso será descontinuado e substituído pela escolha feita pelas escolas no PNLD 2021 (BRASIL, 2020). Tendo em vista a continuidade do subprojeto do Pibid no próximo ano, também selecionamos um exemplar que integra a lista de títulos aprovada para o PNLD 2021. Como a escola vinculada ao subprojeto ainda não havia selecionado a obra para o próximo ciclo, elegemos o livro #Novo Ensino Médio (MUNIZ, ROCHA e CHIRSTÓFARO, 2020), de 208 páginas, pois também foi publicado pela editora Scipione.

A primeira etapa para pesquisa nos livros selecionados consistiu na identificação dos nomes de todas as pessoas e grupos⁸ mencionados. Ocorreu mediante leitura das publicações na íntegra, pois os materiais não possuem índices onomásticos, e transcrição dos dados em uma planilha.

Após este primeiro registro, revisamos as planilhas e nos certificamos de que todas as informações haviam sido registradas. Em seguida, retiramos as duplicidades e separamos os nomes de pessoas e os nomes de grupos em planilhas distintas, para dar tratamento diferente aos dados. No caso das pessoas, buscamos informações biográficas sobre cada uma delas e organizamos nas seguintes categorias: Nome, identidade de gênero, etnia, ano de nascimento e morte, continente e país de nascimento e morte, modalidade de criação e fonte da pesquisa. Para localizar essas informações biográficas priorizamos três plataformas de buscas: Oxford Art

⁸ Realizamos a opção de registrar também os nomes de grupos, para não legitimar a ideia comum de que a Arte é produzida apenas individualmente. Se nos limitássemos ao registro de nomes próprios, acabaríamos excluindo exemplos de produções artísticas que são criadas coletivamente. Os resultados referentes aos grupos serão objeto de outras publicações.

Online⁹, Enciclopédia Itaú Cultural¹⁰ e Wikipédia¹¹. Os nomes e informações não encontradas nessas três bases foram buscados em outra fonte digital por meio do *site* Google. Quando não identificamos nenhum resultado na *web*, mencionamos os dados presentes nos próprios livros.

Posteriormente, categorizamos os nomes em dois grupos: “Artistas” e “Outros”. Classificamos como “Artistas” as pessoas cujas criações estão relacionadas às seguintes modalidades de criação: Artes Visuais - inclui pessoas com produção nas áreas de arte digital, body art, curadoria, desenho, *design* (moda, gráfico, têxtil e objetos), escultura, fotografia, gravura, instalação, intervenção, *performance*, pintura e quadrinhos; Teatro - inclui pessoas envolvidas com criação teatral, isto é, dramaturgos, atores, diretores e cenógrafos; Música - inclui pessoas envolvidas com a criação musical, tal como, compositores, letristas, arranjadores, instrumentistas e cantores; Dança - inclui pessoas envolvidas com a criação em dança, ou seja, coreógrafos, dançarinos, bailarinos, cenógrafos e diretores; e Audiovisual - inclui pessoas que se dedicam a criação de vídeos para cinema e televisão (diretores, roteiristas, produtores e atores) e jogos eletrônicos (animadores, roteiristas, programadores, etc.). Classificamos como “Outros” as pessoas que não se dedicam a nenhuma das modalidades de criação anteriores, como, por exemplo, antropólogos, arquitetos, biólogos, cartógrafos, colecionadores, educadores, empresários, escritores, filósofos, historiadores, jornalistas, militares, nobres, pensadores, pesquisadores, poetas, políticos, religiosos, sociólogos, etc.).

Nas tabelas a seguir, apresentamos os dados retirados pelo núcleo arte.

Tabela 1 - Dados sobre os indivíduos identificados nas publicações

Total de nomes citados	Percurso da Arte		#Novo Ensino Médio	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Total de nomes citados	646	100%	105	100%
Artistas	522	80.80%	49	46.66%
Outros	124	19.19%	56	53.33%

Fonte: Os autores.

Tabela 2 - Dados sobre gênero e etnia dos/as artistas

Gênero e Etnia	Percurso da Arte		#Novo ensino Médio	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Homens (total)	437	83.71% ¹²	40	81.63%
Homens (negros)	69	13.21%	6	12.24%
Artistas homens (indígenas)	4	0.76%	0	0
Mulheres (total)	85	16.28%	9	18.36%
Mulheres (negras)	11	2.10%	2	4.08%
Mulheres (indígenas)	0	0	0	0

⁹ Oxford Art Online. Disponível em: <https://www.oxfordartonline.com>.

¹⁰ Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br>.

¹¹ Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/>.

¹² Devido ao arredondamento, a soma dos percentuais é diferente de 100% em algumas tabelas.

Fonte: Os autores.

Tabela 3 - Dados sobre o continente de nascimento dos/as artistas

	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
África	8	1.53%	0	0
América Central	1	0.19%	0	0
América do Norte	71	13.60%	9	18.36%
América do Sul	295	56.51%	27	55.10%
Ásia	11	2.10%	1	2.04%
Europa	134	25.67%	12	24.48%
Oceania	2	0.38%	0	0

Fonte: Os autores.

Tabela 4 - Dados sobre a modalidade de criação dos/as artistas

	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
Artes Visuais	201	38.50%	23	46.93%
Audiovisual	102	19.54%	9	18.36%
Dança	32	6.13%	0	0
Música	122	23.37%	15	30.61%
Teatro	63	12.06%	2	4.08%

Fonte: Os autores.

Chamou nossa atenção a diferença no quantitativo de artistas mencionados pelas publicações. Enquanto “Percursos da Arte” nomeia 522 artistas, “#Novo Ensino Médio” traz 49. Essa redução pode estar relacionada ao enfraquecimento (PERES, 2017) da Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, aprovada em 2018. Essa situação havia sido antecipada pela brasileira Ana Mae Barbosa, em 2016, quando versões preliminares da BNCC estavam disponíveis para consulta pública. Para a autora, a inserção das Artes como um “Sub-componente” (que se efetivou posteriormente na BNCC com a inserção da Arte na área de Linguagens e suas Tecnologias¹³ no ensino médio), consiste em uma estratégia “SUBrepticamente intencional com o objetivo de, sem ferir a Lei de Diretrizes e Bases, retirar Arte do currículo, ou melhor, não contratar professores de Artes, que ficarão atreladas às outras disciplinas” (BARBOSA, 2016). De fato, o PNLD 2021 não apresentou um livro didático específico para Arte, como no PNLD 2018, mas sim, de Linguagens e suas Tecnologias, conforme previsto na BNCC. Ainda não se sabe qual o impacto desta decisão para a contratação de professores de arte.

Apesar da diferença no quantitativo de artistas mencionados, de modo geral, as publicações reproduzem a lógica de inviabilização da Arte produzida por mulheres e artistas indígenas, negros e negras. Em “Percursos da Arte”, dos 522 artistas, 437 são homens (sendo

¹³ A área de Linguagens e suas Tecnologias é composta por: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa BNCC.

69 negros e 4 indígenas) e 85 mulheres (sendo 11 negras e nenhuma indígena). Em “#Novo ensino médio”, dos 49 artistas, 40 são homens (sendo 6 negros e nenhum indígena) e 9 mulheres (sendo 2 negras e nenhuma indígena). Além de em ambos livros destacar as áreas de Artes Visuais e Música.

Essa desigualdade, corrobora dados identificados em outras pesquisas que subsidiaram nossa investigação. O projeto “História da _arte” (CARVALHO, MORESCHI e PEREIRA, 2019), por exemplo, analisou os 11 livros de História da Arte mais utilizados em cursos de graduação em Artes Visuais no Brasil e verificou que a narrativa apresentada nas publicações está estruturada para excluir mulheres e artistas não-europeus. Conforme registram: “de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses” (HISTÓRIA..., 2021). Nessa direção, mencionamos também o coletivo Guerrilla Girls (MASP, 2017), cuja produção de cartazes e panfletos denuncia a desigualdade de gênero reproduzida por instituições de Arte. Citamos ainda o projeto “About: The Blank Pages” [Sobre: as páginas brancas] das artistas EvaMarie Lindahl e Ditte Ejlerskov Viken (ARTRIANON, 2019; MASP, 2019). As autoras problematizaram a coleção *Basic Art* [Arte Básica], publicada pela destacada editora alemã Taschen, na qual cada livro apresenta um estudo monográfico sobre a obra de um artista. Em 2014, as artistas realizaram um levantamento dos títulos da coleção e constataram que dos 97 artistas publicados, apenas 5 eram mulheres. Além do campo da Arte contemporânea, a questão das mulheres nas Artes Visuais tem sido discutida, no âmbito acadêmico, por Luciana Loponte (2005, 2008, 2014) e Ana Mae Barbosa e Vitória Amaral (2019).

Considerando essas referências, os integrantes do núcleo de Arte do Pibid foram orientados a problematizar e dar visibilidade aos resultados da pesquisa que realizamos nos livros didáticos para o ensino médio, por meio de uma composição visual. Tratamos sobre isso na sequência.

A PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA NAS ARTES

Conforme explica Belidson Dias (2013, p. 23), a Pesquisa Educacional Baseada nas Artes (PEBA) assim como a Pesquisa Baseada em Arte (PBA), é resultado de um esforço de pesquisadores por “[...] compreender, valorar e conceber a produção em arte como uma modalidade de pesquisa acadêmica”. Ambas promovem o deslocamento das maneiras estabelecidas “[...] de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar

categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo” (DIAS, 2013, p. 23).

Na mesma direção, o espanhol Fernando Hernández (2013) avalia que a PBA consiste em uma possibilidade de investigação que vincula as Artes e a pesquisa em uma dupla relação:

[...] por um lado, a partir de uma instância epistemológica-metodológica, da qual se questiona as formas hegemônicas de investigação centradas na aplicação de procedimentos que “fazem falar” à realidade; e por outro, por meio do uso de procedimentos artísticos [...] para dar conta dos fenômenos e experiências [que] se dirigem ao fenômeno em questão (HERNÁNDEZ, 2013, p. 40-41).

Segundo a canadense Rita Irwin (2013), tanto a PEBA quanto a PBA são formas de investigação capazes de aumentar a “[...] compreensão das atividades humanas através dos meios artísticos” (IRWIN, 2013, p. 28), sendo que a segunda, particularmente, não possui “[...] a intenção de influenciar em assuntos educacionais” (IRWIN, 2013, p. 28).

Ambas estão relacionadas com a prática da A/r/tografia, também assumida por nós no desenvolvimento da pesquisa. Para isso, tomamos como referência alguns critérios/encaminhamentos propostos pela brasileira Luciana Borre (2020, p. 123) para investigações de cunho a/r/tográfico:

(a) combinar a produção poética (imagens/artefatos/processos) com a escrita, preocupando-se com o potencial comunicativo de seus possíveis resultados com realidades educacionais; (b) utilizar metáforas, metonímia e símbolos, como elo de comunicação desses conhecimentos; (c) dialogar entre as identidades do artista, do professor e do investigador, em suas dimensões pessoais e sociais, pois as experiências individuais podem ressoar em muitas outras pessoas ou grupos; (d) utilizar de práticas/técnicas/ações artísticas para criar, interpretar e retratar conhecimentos significativos, criando e explorando novas formas de estruturar e conceber ideias, abarcando aquilo que se torna difícil colocar em palavras; (e) conectar experiências e narrativas autobiográficas; (f) privilegiar nossas emoções, sentidos, intuições e vibrações corporais, como elementos primários de processos de criação.

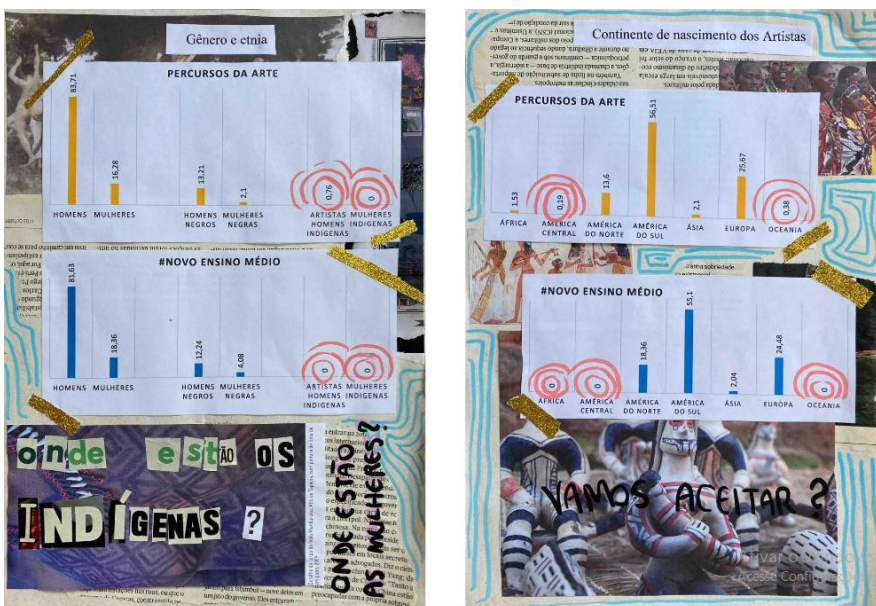
Assim, a partir dos dados quantitativos levantados a partir dos livros didáticos consultados, os estudantes vinculados ao núcleo de Arte do Pibid foram desafiados a criar composições visuais. As perguntas que orientaram essa etapa da pesquisa foram: Como transformar os dados da pesquisa em arte? Como aproximar a arte da pesquisa e da docência? Como conciliar as habilidades como artistas/professores/pesquisadores em um mesmo projeto/ação? A composição do zine “Muitas décadas e poucos avanços” (Figura 1) foi realizada pela estudante de Artes Visuais, autora deste trabalho, integrante do grupo.

Figura 1 – Primeira e segunda página do zine “Muitas décadas e poucos avanços”



Fonte: Os autores (2021).

Figura 2 – Terceira e quarta página do zine “Muitas décadas e poucos avanços”



Fonte: Os autores (2021).

O zine “Muitas décadas e poucos avanços” foi uma das composições que deu visibilidade às desigualdades de gênero, étnicas, geográficas e de modalidades de criação identificadas nos livros.

Dentre as referências recolhidas para a criação visual do zine foi elencado coletivo Guerrilla Girls, grupo composto por mulheres artistas que organizam colagens nas quais problematizam os discursos oficiais de legitimação da história da arte, investigando as



desigualdades de gênero implícitas em exposições realizadas por museus (MASP, 2017). Também, recorreremos à estética empregada no filme *Moxie* (2020), no qual a personagem principal utiliza de zines para expor situações que lhe incomodam em sua escola, como sexismo e assédios. Outra referência para criação foram as composições de Richard Hamilton, nas quais o artista utiliza de recortes de revistas e jornais (FONSECA, 2012), bem como as de Bruno Siqueira, na qual o artista utiliza linhas vermelhas, bem como colagens. Há ainda, frases que remetem ao enunciado: “Onde estão os negros?”, apresentado em grandes bandeiras pelo grupo transdisciplinar Frente 3 de fevereiro, cuja ação problematiza o racismo na sociedade brasileira (FRENTE, 2021), e também, questionamentos relacionados aos estudos decoloniais.

Palermo ([1991] 2019) discorre acerca do poder colonial eurocentrizado que origina a construção do “outro” pela conquista. Ela desenvolve a explicação do decolonialismo como possibilidade de desprender-se do paradigma da modernidade-razionalidade. Ademais, requer projetos alternativos que dão re-existência a modos de pensar e viver subjugados pelo poder colonial, levantando, também, as demandas dos oprimidos ou as torna suas. É possível partir do decolonialismo para visibilizar a mulher branca, afro-descendente e a indígena subalternizada, bem como suas produções artísticas e artesanais.

O processo de criação do zine, realizado pela aluna vinculada ao Pibid, foi iniciado com recortes de revistas antigas retiradas de seu acervo. Os quantitativos apresentados no zine, em forma de gráficos circulares e de colunas, remetem às planilhas sistematizadas a partir da análise dos livros didáticos mencionados. Foram utilizados tons de azul para identificar informações relacionadas ao livro “#Novo Ensino Médio”, tons de amarelo para o livro “Percursos da Arte” e marcações em rosa para destacar as informações relacionadas às minorias. Conforme é possível observar nas planilhas mencionadas anteriormente, o livro *#Novo Ensino Médio* diminuiu consideravelmente artistas, pessoas negras, mulheres, representantes do teatro e audiovisual e nascidos na América do Sul e Ásia. Bem como excluiu indígenas, dançarinos e nascidos na América Central e Oceania. São apresentados gráficos comparativos entre as publicações que tratam sobre: a quantidade de artistas citados em relação a outros profissionais; o percentual de menções feitas às criações em Artes Visuais, Audiovisual, Dança, Música e Teatro; a distribuição de artistas homens, mulheres, negros/as e indígenas; e o continente de nascimento dos artistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a pesquisa foi realizada em um projeto de iniciação à docência, compreendemos que mensurar o cenário excludente dos livros didáticos é uma ação relevante,



mas, para além disso, é necessário propor alternativas para superar a desigualdade constatada, no esforço de gerar mudanças significativas por meio da educação escolar. Assim, entendemos que a criação e divulgação do zine “Muitas décadas e poucos avanços” entre estudantes do Ensino Médio, como material suplementar ao livro didático, pode contribuir para dar visibilidade as desigualdades (em relação às nacionalidades, identidades de gênero, etnias e modalidades de criação artísticas) promovidas nos livros didáticos, bem como incentivá-los na produção de seus próprios zines.

Nessa direção, no âmbito da formação docente, acreditamos que, por meio de abordagens A/r/tográficas, podem ser criadas formas de resistência às exclusões promovidas por materiais didáticos, e de articulação entre os modos de ser artista, professor e pesquisador no contexto da educação escolar.

REFERÊNCIAS

ARTRIANON. ‘About the Blank Pages’ de EvaMarie Lindahl e Ditte Ejlerskov. 2019. Disponível em: <https://artrianon.com/2019/09/24/obra-de-arte-da-semana-about-the-blank-pages-de-evamarie-lindahl-e-ditte-ejlerskov/>. Acesso em: 20 set. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Políticas públicas para o Ensino da Arte no Brasil: o perde e ganha das lutas**. 2016. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002791825.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (Orgs). **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação**. São Paulo: Cortez, 2019.

BORRE, Luciana. Desalinhos: sobre abordagens a/r/tográficas. In.: BORRE, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020. 122-134 p.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. 1996/2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia Digital PNLD 2021 - Projetos integradores e projetos de vida**. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2020. 36p. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2021_proj_int_vida_Apresentacao.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: Arte – Guia de livros didáticos – Ensino médio**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica – SEB. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 56 p. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/centrais-de->



conteudos/publicacoes/category/165-editais?download=11347:guia-pnld-arte-2018. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. **Programas do livro**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9787-sobre-os-programas-do-livro>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRUNS, Juliana Pedroso; FURB, Rita Buzzi. Formação de professores no Pibid: Mapeamento das teses publicadas no Brasil no período de 2010 a 2019. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n. 1, p. 133-154, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/51034>. Acesso em: 20 set. 2021.

CAMARGO, Michelle Alcântara. Manifeste-se, faça um zine!: uma etnografia sobre zines de papel feministas produzidos por minas do rock (são paulo, 1996-2007). **Cadernos Pagu**, São Paulo, p. 155-186, jan. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YmDXfyBDmRP39SPVwVknwBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CARVALHO, Ananda; MORESCHI, Bruno; PEREIRA, Gabriel. A História da arte: desconstruções da narrativa oficial da Arte. **Revista do centro de pesquisa e formação**. n° 8, Julho 2019. Sesc: São Paulo. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13479_ananda+carvalho+bruno+moreschi+e+gabrie+l+pereira. Acesso em: 27 ago. 2021.

CASTILHOS, Grasiela Pereira da Silva de; KNOBLAUCH, Adriane. Análise da produção acadêmica sobre Pibid após uma década de programa (2007 a 2017): **Pedagogia em questão**. *Imagens da Educação*, v. 9, n. 3, p. 55-65, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/43245>. Acesso em: 20 set. 2021.

COLETIVO Girl Gang. **Zine #1**. 2015. Disponível em: https://issuu.com/girlgangcoletivo/docs/girl_gang_coletivo_-_zine__1.docx. Acesso em: 27 ago. 2021.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

FONSECA, Eduardo. **Colagem em território expandido**. 2012. 55 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pintura, Universidade de Lisboa Faculdade de Belas-Artes, Lisboa, 2012. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7962/2/ULFBA_TES%20556.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

FRENTE 3 de Fevereiro (São Paulo, SP). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo448788/frente-3-de-fevereiro-sao-paulo-sp>. Acesso em: 27 ago. 2021. Verbete da Enciclopédia.

GATTI, Bernardete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; GIMENES, Nelson A. S.; FERRAGUT, Laurizete. **Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)**. São Paulo: FCC/SEP, 2014. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/textosfcc/issue/view/298/6> >. Acesso em: 20 set. 2021.



HERNÁNDEZ, Fernando H. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. Tradução: Tatiana Fernandez. In.: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L (org.).

Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. 39-62 p.

IWASSO, Vitor Rezkallah. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **Ars (São Paulo)**, [S.L.], v. 8, n. 15, p. 36-53, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <<http://dx.doi.org/10.1590/s1678-53202010000100004>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes visuales, feminismos y educación en Brasil: la invisibilidad de un discurso. **Universitas Humanística**, [S. l.], v. 79, n. 79, 2014. Disponível em: <<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/6414>>. Acesso em: 20 set. 2021.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero, educação e docência nas artes visuais. **Educação e Realidade**, v. 30, p. 243-259, 2005. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12469>>. Acesso em: 20 set. 2021.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Mulheres e artes visuais no Brasil: caminhos, veredas e descontinuidades. **Visualidades** (UFG), v. 6, p. 13-31, 2008. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Visualidades-V._06__n._1_e_2__2008.pdf>.

Acesso em: 20 set. 2021

MASP. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Guerrilla Girls Gráfica 1985 - 2017.** Curadoria: Adriano Pedrosa e Camila Bechelany. São Paulo: MASP, 2017. 128p., il.

MASP. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **Histórias das mulheres, Histórias Feministas.** Organização editorial: Mariana Leme, Adriano Pedrosa e Isabella Rjeille; curadoria Histórias das mulheres de Julia Bryan-Wilson, Mariana Leme e Lilia Moritz Schwarcz; curadoria de Histórias feministas de Isabella Rjeille. São Paulo: MASP, 2019. 320p., il.

MEIRA, Beá; SOTER, Silvia; PRESTO, Rafael. **Percursos da arte:** volume único: ensino médio. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

MOXIE: quando as garotas vão à luta. 1h51. Direção: Amy Poehler. Roteiro: Tamara Chestna e Dylan Meyer. Netflix. 2021.

MUNIZ, Mariana Lima; ROCHA, Murilo Andrade; CHIRSTÓFARO, Gabriela Córdova. **#Novo Ensino Médio.** Projetos integradores: Linguagens e suas tecnologias. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2020.

PALERMO, Zulma. Alternativas locais ao globocentrismo. **Revista de Estudos Internacionais**, Tradução de Bruna Otani Ribeiro. v. 3, ed. 2, p. 88-99, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2472>. Acesso em: 6 maio 2021.

SIQUEIRA, Bruno. **Arrobabrisa.** <https://www.instagram.com/arrobabrisa/?hl=pt-br>.